

DOI 10.22481/rsc.v13i4.523

Artigo Original

Rev. Saúde.Com 2017; 13(4): 1016-1021

Revista Saúde.Com

ISSN 1809-0761

www.uesb.br/revista/rsc/ojs**PERFIL DE AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM****AUTOMEDICATION PROFILES BETWEEN NURSING STUDENTS****Anny Carolinny Tigre Almeida Chaves, Leia Alexandre Alves, Mara Nubia Coelho Rocha, Mirela Newma Ribeiro de Souza, Vanessa Tigre Almeida Chaves, William Santos Silva**Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS¹, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB², Faculdade de Tecnologia e Ciências – FTC³, Universidade Federal da Bahia – UFBA⁴**Abstract**

The objective of this study was to analyze the self-medication profile among nursing students. Thus, a cross-sectional descriptive study was carried out with nursing students from a university in the interior of Bahia. Questionnaires containing sociodemographic and other questions related to self-medication were used. The results showed that the majority of students are aged between 21 and 25 (33.10%) and female (84.40%), and that there is a very strong correlation between the knowledge acquired in the nursing course and the practice of self-medication ($r= 0.960$, $p=0.01$). This practice is also related to the orientations given by students to other individuals (54.54%) and reading of the package insert (87.60%). It was also detected the greater use of analgesics by the students interviewed (63.63%), the presence of adverse drug reactions (55.20%) such as nausea and headache and the search for medical care (70.12%). This study therefore showed that self-medication is a practice performed by nursing students and that, therefore, a greater number of educational practices in higher education institutions is required on the risk of self-medication.

Key words: Self-medication, Students Health Occupations, Nonprescription Drugs.**Resumo**

O objetivo deste trabalho foi analisar o perfil de automedicação entre estudantes de enfermagem. Dessa forma, foi realizado um estudo transversal descritivo com estudantes de enfermagem de uma faculdade do interior da Bahia. Foram utilizados questionários contendo questões sociodemográficas e outras relacionadas a automedicação. Os resultados apontaram que a maioria dos estudantes tem idade entre 21 e 25 anos (33,10%) e sexo feminino (84,40%) e que há correlação muito forte entre o conhecimento adquirido no curso de enfermagem e a prática da automedicação ($r=0,960$, $p=0,01$), sendo que esta prática relaciona-se também a orientações dadas pelos estudantes a outros indivíduos (54,54%) e à leitura da bula dos medicamentos (87,60%). Detectou-se ainda a maior utilização de analgésicos pelos estudantes entrevistados (63,63%), a presença de reações adversas aos medicamentos (55,20%) como náuseas e cefaleia e a procura por atendimento médico (70,12%). Este estudo mostrou, portanto, que a automedicação é uma prática realizada pelos estudantes de enfermagem e que, portanto, faz-se necessário um número maior de práticas educativas nas instituições de ensino superior que caracterizem o risco da prática da automedicação.

Palavras chave: Automedicação, Estudantes de Ciências da Saúde, Medicamentos sem Prescrição.

Introdução

A automedicação constitui-se na administração de medicamentos por iniciativa própria ou recomendado por outro indivíduo como familiar ou amigo, sem o acompanhamento de um profissional de saúde qualificado. É uma prática que independe de nível cultural, econômico e social e tem o propósito de promover o alívio ou a cura de sintomas considerados simples e recorrentes^{1,2,3}.

No Brasil, a automedicação é considerada como um problema de saúde pública, pois equivale a 35% do consumo total de medicamentos, ocasionando em aproximadamente 20 mil mortes por ano. Essa prática justifica-se pela facilidade de medicamentos vendidos em farmácias sem receita médica e pela dificuldade do atendimento médico no Sistema Único de Saúde^{4,5}.

Além disso, o elevado preço de uma consulta médica, a facilidade na aquisição de medicamentos sem prescrição, o receio de piora dos sintomas, a restrição do poder prescritivo, a influência da mídia, o fácil acesso às informações na internet e a falta de divulgação dos efeitos maléficis dos medicamentos são fatores que também agem de forma a contribuir com a prática da automedicação⁶.

Esta prática é um fenômeno potencialmente prejudicial à saúde, pois a utilização inadequada de medicamentos pode causar inúmeras consequências como reações de hipersensibilidade, resistência bacteriana, dependência ao medicamento sem necessidade real, hemorragias digestivas, entre outros. Além disso, a diminuição momentânea dos sintomas pode mascarar a doença inicial levando ao agravamento da mesma^{7,8}.

Um estudo realizado com estudantes da área de saúde de uma universidade da Bahia constatou que 98,1% dos entrevistados realizavam a prática da automedicação, mostrando a elevada prevalência dessa prática entre estudantes. Nessa mesma pesquisa, foi detectado que 100% dos estudantes de enfermagem se automedicavam. Resultado semelhante foi encontrado na pesquisa realizada com estudantes de uma instituição de ensino superior de Teresina-Piauí, em que a prevalência da automedicação foi de 91,4%^{9,10}.

Além disso, a prática da automedicação possui correlação com o grau de instrução e a informação que os usuários têm sobre os medicamentos, bem como ao acesso que estes

indivíduos possuem nos sistemas de saúde¹¹. Dessa forma, o objetivo deste trabalho foi analisar o perfil de automedicação entre estudantes de enfermagem de uma faculdade do interior da Bahia.

Metodologia

Trata-se de um estudo do tipo transversal descritivo, com aplicação de questionários aos estudantes de enfermagem de uma faculdade do interior da Bahia. A amostra foi definida por meio do cálculo de Estimativa do Erro Amostral para uma população finita de 214 estudantes matriculados, distribuídos em nove semestres do Curso de Enfermagem, sendo que no momento em que a pesquisa foi realizada não existia alunos matriculados no 2º semestre. Dessa forma, admitindo-se um erro amostral de 5%, nível de confiança de 95% e por meio da fórmula $n = \frac{Z^2 \cdot P \cdot Q \cdot N}{e^2 \cdot (N-1) + Z^2 \cdot Q \cdot P}$, definiu-se que o tamanho da amostra necessária (n) era de, no mínimo, 104 indivíduos. Nessa fórmula, deve-se considerar que n é o tamanho da amostra necessária, Z é o nível de confiança, P é a quantidade de acerto esperado (%), Q é a quantidade de erro esperado (%), N é a população total e, por fim, e é o nível de precisão.

Dessa forma, foram aplicados 154 questionários entre os meses de março e abril de 2016, respeitando-se assim o limite mínimo de estudantes entrevistados. A ausência do estudante no momento da aplicação dos questionários e o não consentimento na participação contribuíram para a diminuição do tamanho da amostra de 214 para 154 entrevistados. Ademais, o critério de inclusão utilizado foi o estudante de enfermagem ter idade superior a 18 anos.

Foi utilizado um instrumento de coleta de dados semi-estruturado, que era composto por questões que permitiram avaliar o perfil sócio-demográfico (sexo, faixa etária, estado civil, renda mensal) e de automedicação entre os acadêmicos do curso de enfermagem. Os participantes foram informados sobre a pesquisa, sua importância e objetivos e após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), responderam o questionário. Os pesquisadores fizeram a leitura das questões aos estudantes, de forma a garantir a ausência de erros de interpretação.

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual

do Sudoeste da Bahia pelo protocolo nº 1.474.345, o qual foi submetido à apreciação pelo CAAE nº 53164415.9.0000.0055, atendendo assim os preceitos éticos dispostos na Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Para tabulação e análise dos dados foi utilizado o programa GRAPHPAD Prisma (5.0), com nível de significância de 5%. A estatística descritiva dos dados foi utilizada para interpretar as respostas dos questionários e a correlação de Pearson para relacionar as variáveis conhecimentos adquirido no curso de enfermagem e automedicação.

Resultados e Discussões

A amostra estudada foi composta por 154 indivíduos, de ambos os sexos, sendo que o número de mulheres foi mais representativo (84,40%) e a maior parte dos entrevistados possuía idade entre 21 e 25 anos (33,10%), conforme descrito na Tabela 1.

Tabela 1: Perfil da população analisada.

Variáveis	n (%)
Sexo	
Feminino	130 (84,4)
Masculino	24 (15,6)
Faixa etária (em anos)	
≤ 20	31 (20,1)
21 - 25	51 (33,1)
26 - 30	22 (14,2)
31 - 35	25 (16,2)
36 - 40	9 (5,8)
≥ 40	16 (10,3)
Estado civil	
Casado	38 (24,6)
Divorciado	5 (3,2)
Solteiro	98 (63,6)
União Estável	13 (8,4)
Renda mensal (em salário mínimo)	
1	31 (20,1)
> 1	37 (24,0)
Desempregado	86 (55,8)
Semestre em curso*	
1º	29 (18,8)
3º	45 (29,2)
4º	16 (10,3)
5º	12 (7,7)
6º	16 (10,3)
7º	15 (9,7)
8º	9 (5,8)
9º	12 (7,7)

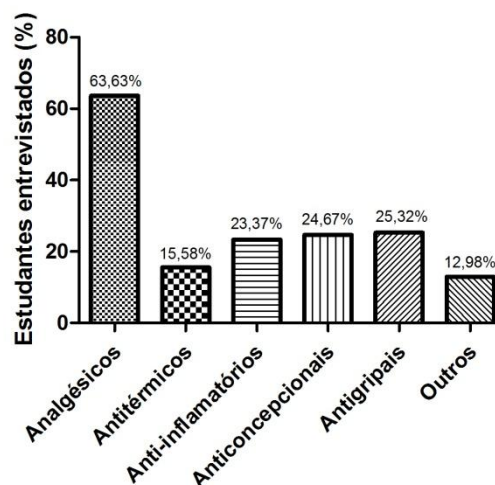
*No momento em que a pesquisa foi realizada não existia alunos matriculados no 2º semestre.

Fonte: Pesquisa Direta.

Em relação à automedicação, 81,80% dos entrevistados afirmaram que as disciplinas estudadas no curso de enfermagem os deram embasamento teórico na realização desta prática, sendo observada correlação muito forte entre o conhecimento adquirido no curso e a prática da automedicação (correlação de Pearson (r) = 0,960, com 5% de significância e p = 0,01).

Os medicamentos comprados com maior frequência pelos estudantes entrevistados foram os analgésicos (63,63%), como pode ser observado na Figura 1. Além disso, a maior parte dos estudantes (87,60%) afirmou que costumeiramente fazia a leitura da bula dos medicamentos antes da sua utilização.

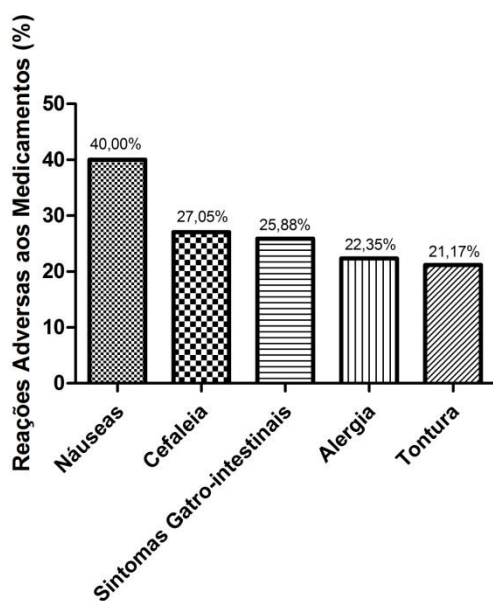
Figura 1: Medicamentos mais consumidos pelos estudantes entrevistados.



Fonte: Pesquisa Direta.

Verificou-se ainda que 54,54% dos participantes deste estudo indicam medicamentos que usa ou já usou para amigos, vizinhos e familiares. Além disso, ao serem questionados sobre reação adversa a medicamentos (RAM), 44,80% dos entrevistados não responderam ao questionamento por não ter apresentado nenhuma das RAMs citadas ou por nunca ter apresentado alguma reação. Os demais entrevistados (55,20%) afirmaram que já apresentaram náuseas (40,00%), tonturas (21,17%), alergia (22,35%), cefaleia (27,05%) e problemas gastrointestinais (25,88%) (Figura 2). Além disso, apesar da elevada prática de automedicação observada nesta pesquisa, detectou-se que a maioria dos entrevistados (70,12%) nos últimos 12 meses procurou atendimento médico através de uma consulta.

Figura 2: Reações adversas citadas pelos estudantes entrevistados.



Fonte: Pesquisa Direta.

A caracterização do perfil sociodemográfico mostrou que a maior parte dos estudantes entrevistados é representativamente do sexo feminino e jovem. Uma pesquisa realizada com a população de Catalunha (Espanha) também mostrou maior frequência de automedicação entre jovens do sexo feminino¹². No entanto, em Portugal foi observada associação significativa entre automedicação e o sexo masculino, entre indivíduos com idade média de 46 anos¹³. Já no Chile não foi encontrada associação significativa entre essas variáveis¹⁴. No Brasil, dado análogo ao da presente pesquisa foi detectado em um estudo em uma Faculdade de Enfermagem de Goiânia - GO, em que a idade dos participantes da pesquisa variou de 18 a 29 anos, sendo a maioria dos estudantes de enfermagem do sexo feminino (96,40%)¹⁵.

Em relação ao perfil de automedicação, foi observado que a maior parte dos estudantes de enfermagem relacionam o conhecimento adquirido na graduação à automedicação, mesmo após o estudo da disciplina de Farmacologia, na qual são discutidas as vantagens e desvantagens do uso de medicamentos. Este dado foi confirmado pela correlação de Pearson, que demonstrou que existe uma correlação muito forte entre estas variáveis. No entanto, nem sempre a prática da automedicação está relacionada com a graduação, pois em outro estudo não foi observada correlação entre essas variáveis⁹. Uma pesquisa realizada na região centro-oeste do estado de São Paulo constatou que os estudantes

de enfermagem também associam a segurança para se automedicar aos conhecimentos adquiridos na academia¹⁶.

Além disso, os analgésicos foram citados como os medicamentos comprados com maior frequência pelos estudantes entrevistados. Esses medicamentos, exceto os narcóticos, são considerados como isentos de prescrição e, portanto, são facilmente adquiridos nas drogarias. De acordo com outros estudos, os analgésicos estão entre os medicamentos mais consumidos pela população, independentemente da prescrição médica^{17,18}, o que demonstra que a automedicação é uma prática que ocorre constantemente com a população em geral. Um estudo realizado na Nigéria envolvendo estudantes da área de saúde mostrou que 76,80% dos entrevistados realizaram a prática da automedicação e que 60,50% destes utilizaram analgésicos de forma inadequada¹⁹.

Na pesquisa foi identificado ainda que a maioria dos estudantes de enfermagem costumemente realizavam a leitura das bulas dos medicamentos, demonstrando que as bulas podem ser utilizadas como fontes de informação para a realização da automedicação. Resultado semelhante foi descrito em uma pesquisa realizada no norte do Paraná, em que foi possível notar que os estudantes universitários possuíam o hábito de ler a bula dos medicamentos antes de utilizá-los²⁰.

Vale ressaltar que a prática da automedicação pode acarretar em reações adversas e, portanto, o mau uso dos medicamentos pode colocar a saúde do indivíduo em risco. Nesta pesquisa, mais de 50% dos entrevistados afirmaram ter apresentado uma ou mais reações adversas como náuseas, tonturas, alergia, cefaleia e problemas no trato gastrointestinal. Resultado contrário foi observado em uma pesquisa realizada com universitários da área de saúde de uma instituição do sul do Brasil, que mostrou que 90,40% dos praticantes de automedicação não observaram reação adversa ao medicamento. Já aqueles que detectaram tais reações citaram nervosismo, agitação, hipotensão e bradicardia como as reações adversas mais comuns²¹.

A automedicação foi novamente confirmada entre os estudantes entrevistados quando mais da metade dos participantes deste estudo afirmaram indicar medicamentos que usa ou já usou para amigos, vizinhos e familiares, pois a automedicação também pode ser caracterizada por meio da utilização de medicamentos decorrente da orientação de pessoas não

qualificadas tecnicamente para tal²². Nesse sentido, observa-se que os estudantes, apesar de possuírem consciência dos riscos da automedicação, os ignora por estarem constantemente envolvidos em ambiente hospitalar, fato que os fazem sentir-se seguros em se automedicar bem como a outros que fazem parte do seu convívio social²³. Dessa forma, sem considerar o risco, a automedicação com mais de um grupo de medicamentos foi praticada por 88% dos estudantes de Enfermagem de três faculdades da Paraíba²⁴.

Apesar da elevada prática de automedicação observada entre os entrevistados, nesta pesquisa detectou-se que a maioria dos estudantes, nos últimos 12 meses, foi a uma consulta médica, o que mostra que possivelmente a avaliação médica é importante para a população analisada. É válido ressaltar que a prescrição de medicamentos tem fundamental importância no contexto mundial do cuidado à saúde, como fator determinante de efeitos e implicações no ambiente social, econômico e cultural²⁵.

Conclusão

Com o presente estudo foi possível caracterizar o perfil de automedicação entre estudantes de enfermagem de uma faculdade do interior da Bahia. Dessa forma, detectou-se que a automedicação é uma prática realizada pelos estudantes entrevistados, sendo também incitada pelos mesmos por meio de orientações dadas aos seus amigos, vizinhos e familiares. Também foi observado que existe correlação muito forte entre o conhecimento que estes estudantes adquiriram na graduação com a automedicação, bem como que esta prática possui alguma relação com a leitura da bula dos medicamentos e com a presença de reações adversas.

Dessa forma, verifica-se a necessidade de um número maior de práticas educativas nas instituições de ensino superior sobre o risco da prática da automedicação, pois esta se realizada sem o acompanhamento de um profissional de saúde caracteriza o uso irracional de medicamentos, o qual é inculcido com uma série de riscos para a saúde dos indivíduos.

Referências

1. Schuelter-trevisol F, Trevisol DJ, Jung GS, Jacobowski B. Automedicação em universitários. *Rev Bras Clin Med.* 2011; 9(6):414-7.

2. Masson W, Furtado PL, Lazarini CA, Conterno LO. Automedicação entre acadêmicos do curso de medicina da Faculdade de Medicina de Marília, São Paulo. *Rev Bras Pesq Saúde.* 2012; 14(4):82-9.

3. Silva JAC, Gomes AZ, Oliveira JPS, Sasaki YA, Maia BTB, Abreu BM. Prevalência de automedicação e os fatores associados entre os usuários de um Centro de Saúde Universitário. *Rev Bras Clin Med.* 2013; 11(1):27-30.

4. ABIFARMA. Automedicação e uso incorreto de medicamentos podem levar à morte [Internet]. 2011 [citado 2016 jun. 12]. Disponível em: <<http://www.guiadafarmacia.com.br/gar/noticias/saude/9502-automedicacao-e-uso-incorreto-de-medicamentos-podem-levar-a-morte>>.

5. Cella E, Almeida RB. Automedicação: enfoque pediátrico. *Rev Saúde Públ Santa Cat.* 2012; 5(1):72-86.

6. Silva LSF, Costa AMDD, Terra FS, Zanetti HHV, Costa RD, Costa MD. Automedicação em acadêmicos de cursos de graduação da área da saúde de uma universidade privada do Sul do estado de Minas Gerais. *Odontol Clín Cient.* 2011; 10(1):57-63.

7. Santello FH, Redigolo E, Toniello WMM, Monteiro SCM. Perfil da automedicação em idosos no Município de Barretos/São Paulo/Brasil. *Infarma Ciências Farmacêuticas.* 2013; 25(1):32-6.

8. Schmid B, Bernal R, Silva NN. Automedicação em adultos de baixa renda no município de São Paulo. *Rev Saúde Pública.* 2010; 44(6):1039-45.

9. Silva LAF, Rodrigues AMF. Automedicação entre estudantes de cursos da área de saúde. *Rev Bras Farm.* 2014; 95(3):961-75.

10. Lopes WFL, Coelho MROM, de Oliveira JP, Araújo YMO, Melo MCN, Tapety FI. A prática da automedicação entre estudantes de uma instituição de ensino superior de Teresina – Pi. *R Interd.* 2014; 7(1):17-24.

11. Tomasi E, Sant'Anna GC, Oppelt AM, Petrini RM, Pereira IV, Sassi BT. Condições de trabalho e automedicação em profissionais da rede básica de saúde da zona urbana de Pelotas,

- RS. Rev Bras Epidemiol. 2011;10(1):66-74.
12. Bassols A, Bosch F, Baños J-E. How does the General population treat their pain? A survey in Catalonia, Spain. *J Pain Symptom Manage.* 2002;23(4):318-28.
13. Riedemann GJP, Illesca MP, Droghettir J. Automedicación en individuos de la Región de la Araucanía con problemas musculoesqueléticos. *Rev Méd Chile.* 2001;129(6):647-52.
14. Mendes Z, Martins AP, Miranda AC, Soares MA, Ferreira AP, Nogueira A. Prevalência da automedicação na população urbana portuguesa. *Rev Bras Ciênc Farm.* 2004;40(1):21-5.
15. Souza LAF, Silva CD, Ferraz GC, Sousa FAEF, Pereira LV. The prevalence and Characterization of self-medication for obtaining pain relief among undergraduate nursing students. *Rev Latino-Am. Enfermagem.* 2011; 19(2):245-51.
16. Silva FM, Goulart FC, Lazarini CA. Caracterização da prática de automedicação e fatores associados entre universitários do curso de Enfermagem. *Rev Eletr Enf. [Internet].* 2014 [citado 2016 jun 20]; 16(3):644-51. Disponível em: https://www.fen.ufg.br/fen_revista/v16/n3/pdf/v16n3a20.pdf
17. Jesus APGAS, Yoshida NCP, Freitas JGA . Prevalência da automedicação entre acadêmicos de farmácia, medicina, enfermagem e odontologia. *Estudos.* 2013; 40(2):151-64.
18. Santos B, Souza LG; Delgado, NM; Torres, WO. Incidência da automedicação em graduandos de Enfermagem. *J Health Sci Inst.* 2012; 30(2):156-60.
19. Ehigiator O, Azodo CC, Ehizele AO, Ezeja EB, Ehigiator L, Madukwe IU. Self-medication practices among dental, midwifery and nursing students. *Eur J Gen Dent* 2013;2:54-7.
20. Tomasini AA, Ferraes AMB, Santos JS. Prevalência e fatores da automedicação entre estudantes universitários no Norte do Paraná. *Biosaúde.* 2015; 17(1):1-12.
21. Fontanela FG, Galato D, Remor KVT. Perfil de automedicação em universitários dos cursos da área da saúde em uma instituição de ensino superior do sul do Brasil. *Rev Bras Farm.* 2013; 94(2):154-60.
22. Fonseca F, Dedivitis RA, Smokou A, Lascane E, Cavalheiro R, Ribeiro EF, et al. Frequência de automedicação entre acadêmicos de faculdade de medicina. *Rev Diagn Tratamento.* 2010; 15(2):53-7.
23. Santos B, Souza LG, Delgado NM, Torres WO. Incidência da automedicação entre estudantes de enfermagem. *J Health Sci Inst.* 2012;30(2):156-60.
24. Magaldi L, Rocafull J. Farmacovigilância y hábitos de consumo de medicamentos en los estudiantes de la Escuela de Enfermería de la Universidad Central de Venezuela. *Rev Fac Med (Caracas).* 2004;27(1):74-8.
25. Wanderley VE, Maia JA, Vilela RQB. A Prescrição Medicamentosa Ambulatorial no Internato: Formação e Prática. *Rev Bras Educ Med.* 2010;34(2):216-26.

Endereço para Correspondência

Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS
Av. Transnordestina, s/n - Novo Horizonte,
Feira de Santana – BA

CEP.: 44036-900

e-mail: annytigre@hotmail.com

Recebido em 07/06/2017

Aprovado em 10/08/2017

Publicado em 01/12/2017